

Folha de S. Paulo

18/5/1984

A revolta dos bóias-frias

Vitoriosos, trabalhadores encerram greve em Guariba

ANTENOR BRAIDO

Enviado especial a Guariba

Mãos levantadas, sorriso misturado com lágrimas e uma estrondosa salva de palmas. Assim, 10 mil bóias-frias de Guariba puseram fim ontem à greve que se estendia desde terça-feira, "quando a cidade explodiu". Os usineiros atenderam 90 por cento de suas reivindicações, depois de 7 horas de negociações no Sindicato Rural de Jaboticabal, iniciadas no período da manhã.

Eram 17h15 e, depois de três dias de muita tensão, enfim a paz. E hoje, bem cedo, os bóias-frias voltam aos canaviais, sabendo que têm valor e com muita união chegaram à vitória. Os usineiros cederam. Tiveram que ceder. Já tinham restabelecido o antigo sistema de corte de cana, passando de 7 para 5 ruas, depois que os trabalhadores rurais, com apenas um dia de greve, mostraram que estavam dispostos a ir até o fim. Mais dois dias de paralisação (anteontem e ontem) e trabalhadores das cidades vizinhas também começaram a parar (Monte Alto, por exemplo, a 40 quilômetros de Guariba, entrou em greve ontem).

Sentindo que a "luta" era para valer, patrões e empregados sentaram-se à mesa de negociação. Os bóias-frias não sabiam o que era isso há mais de 20 anos. Durante todo esse tempo, eles foram aguentando. Plantaram, limpavam e colheram grandes canaviais. Até que no início da semana (terça-feira) os de Guariba explodiram. E para valer.

A vitória

Os bóias-frias conseguiram quase tudo o que reivindicaram: recibo de pagamento mensal em envelopes contendo o valor de salário; aumento do preço do corte de cana de 18 meses, podendo chegar a Cr\$ 2.100,00 por tonelada (antes era Cr\$ 1.200,00); descanso semanal remunerado e pagamento de Cr\$ 2.035,00 por tonelada de outros tipos de cana. Os patrões fornecerão também todos os equipamentos — facão, lima, macacão, luvas e tornozeleiras de couro para os trabalhadores. Antes, eles tinham que comprar tudo isso. Ganharam ainda condução gratuita; complementação salarial em caso de acidente de trabalho, pagando a diferença do INPS; além de salário no período de 30 dias caso tenham de ficar afastados por motivo de doença.

"Foi a maior conquista dos trabalhadores rurais em 20 anos de luta", afirmava no final da assembléia o advogado Leopoldo Paulino, da Federação dos Trabalhadores Rurais do Estado de São Paulo (Fetaesp), que participou das negociações e foi um dos líderes do movimento. A pressão dos bóias-frias provocou uma negociação direta inédita para o setor entre patrões e empregados, sendo que o dissídio da categoria ocorre somente em setembro.

O secretário estadual de Relações do Trabalho, Almir Pazzianotto, além de participar das negociações compareceu à assembléia realizada no final da tarde no Estádio Municipal, onde foi um dos oradores. Comparou o acordo entre usineiros e bóias-frias ao que foi feito em 78 entre a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp) e os metalúrgicos. "Sem dúvida — acentuou — foi uma grande vitória dos trabalhadores rurais".

Alegria

Os usineiros começaram a ceder quando perceberam que começava a falta cana nas usinas. Ontem à tarde, por exemplo, as usinas São Carlos (1.339.128 toneladas de cana) e a Santa Adélia (1.452.676 toneladas de cana) estavam paralisadas; a Bonfim (2.845.380) e a São Martinho (4.810.252 toneladas) trabalhavam a "meio-vapor", conforme explicou um funcionário da Associação dos Plantadores de Cana de Guariba, que congrega todas essas usinas.

Na verdade, percebendo a força do movimento dos bóias-frias, os usineiros começaram a ceder anteontem à noite. Um grupo deles, reunido na Usina São Carlos, resolveu atender à maioria das reivindicações e acabou, na prática, assinando o acordo ontem. O movimento grevista de Guariba surgiu, segundo o próprio Sindicato dos Trabalhadores Rurais, espontaneamente. "Não há nenhuma influência externa", afirma seu presidente, Benedito Magalhães. Ele próprio, apesar de estar há 17 anos na presidência do sindicato, não tem muita ascendência sobre a categoria. Mas a paralisação acabou sendo conduzida por líderes sindicais e advogados trabalhistas de outras regiões como Araraquara (Hélio Alves) e Ribeirão Preto (Leopoldo Paulino), e acabou "numa grande vitória de todos os trabalhadores rurais", conforme explicou muito emocionado o bóia-fria Caetano Faria dos Santos, que não conseguiu falar ao microfone, durante a assembléia, de tão emocionado que estava.

Seu colega Lindovar Queiroz Brito, no seu jeito caboclo de falar, recebeu aplausos quando disse que "a vitória foi de todos. Agora vamos trabalhar".

Assembléia

A assembléia dos trabalhadores, realizada no Estádio Municipal de Guariba, teve dois atos: o primeiro foi realizado de manhã, quando os bóias-frias foram informados das negociações que se desenvolviam. Depois da palavra de alguns oradores, todos foram liberados, enquanto aguardavam o resultado do encontro entre usineiros e os representantes da categoria. Nesse período a cidade continuou vivendo um clima de muita tensão, com o comércio, escolas e bancos fechados. Por volta das 17 horas, os bóias-frias se reuniram novamente no estádio e, desta vez, foi para aprovar o acordo. A assembléia transcorreu tranquila. Muitos oradores falaram. O deputado Valdir Trigo (PMDB) fez um discurso violento a favor dos trabalhadores. Coube ao advogado José Antônio Pancotti, da Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de São Paulo, ler os termos do acordo. Antes disso, Almir Pazzianotto usou da palavra e pediu que todos refletissem sobre as reivindicações atendidas: "Espero que vocês analisem esse documento com inteligência e façam dele a pedra fundamental da luta que vocês iniciaram". Coube a Leopoldo Paulino, daí para a frente, dirigir a reunião. O acordo foi aprovado e a alegria voltou a Guariba. Mas os bóias-frias prometem retomar o movimento se o acordo não for cumprido: "E se voltarmos, será para valer", disse Lindovar Brito. Os bóias-frias voltaram a sorrir e Guariba também.

(Página 23)